
Raul Prebisch

1901 - 1986

Anibal Pinto

Tradução: Lúcia Nagib

Há algo em que se pode apostar com segurança: a morte do Mestre Prebisch não significará o esquecimento ou esmorecimento de suas idéias. Decerto, com o passar do tempo, elas não permanecerão incólumes ou sempre atuais, mas sem dúvida comporão testemunhos decisivos da evolução da América Latina na última metade do século. Ninguém que pretenda reconstruir a história regional poderá prescindir do constante fluxo de hipóteses e proposições que brotou do empenho de Prebisch em decifrar o curso dos acontecimentos e imaginar respostas para nossos problemas econômicos e sociais. Porque ele pertenceu, sem dúvida, àqueles que se propõem, ao mesmo tempo, interpretar e transformar o mundo em que vivem, seu legado se propagou e lançou raízes em âmbitos muito vastos, que ultrapassam os espaços acadêmicos ou institucionais. Naturalmente, a permanência de suas idéias não implicará uma absolvição por parte daqueles, tanto da

direita quanto da esquerda, que as criticaram. Possivelmente, ocorrerá o contrário: o espírito censor desta crítica se tornará mais ativo. Mas isto, na verdade, será outra prova da importância dessas idéias; de que é e será muito difícil analisar esse período sem levar em consideração as principais análises prebischianas.

A transcendência das idéias, da força intelectual de Prebisch, vai de par com uma circunstância paradoxal: a relativa impessoalidade delas. Ao contrário do que sucede muitas vezes, trata-se de uma contribuição que nunca se personalizou. Quem consultar seus trabalhos, especialmente as intervenções em conferências ou seminários, não encontrará qualquer referência do tipo "eu penso assim". Prebisch foi sempre um institucionalista, um homem empenhado em transcender a dimensão individual para se situar como uma testemunha da esfera social — um "intelectual orgânico", como um nostálgico de Gramsci poderia arriscar.

É por isso que aqueles que o conheceram bem muitas vezes quiseram convencê-lo, com certa dose de graça e seriedade, de que ele correspondia ao arquétipo do missionário, apesar de seu tranqüilo agnosticismo. Está claro que nesta colocação pesava decisivamente uma virtude muito escassa: sua modéstia, profundamente arraigada e espontânea, que se associava à grande personalidade e ao imponente halo de autoridade, que nunca eclipsaram a natural bonomia e o senso de humor.

Por outro lado, o fato de que suas constantes contribuições tenham sido institucionalizadas como "cepalinas", fazendo jus também ao organismo que ele criou e ao trabalho de outros economistas e sociólogos afins, implica uma grande responsabilidade para os que irão retomar seus passos, arcar com o dever de manter e renovar sua herança, como única forma de continuar abrindo um caminho próprio no futuro.

O Dr. Prebisch foi um homem de muitos mundos. Em primeiro lugar, porque suas idéias e propostas ultrapassaram as fronteiras de um país e uma região. Ele foi não só uma das grandes figuras intelectuais da América Latina neste século, mas também considerado como tal nas assembléias da periferia, e conquistou o respeito e a atenção dos centros, fossem capitalistas ou socialistas, mesmo quando divergindo de suas proposições.

Num exame retrospectivo da longa e frutífera existência de Prebisch, pode-se identificar uma sucessão de fases ou ciclos, configurados pelas raízes lançadas em cenários distintos e a ampla renovação da bagagem de idéias, que a cada vez conseguiu integrar novas dimensões, sem nunca desviar dos fios condutores. Ao encerrar sua tarefa, quase como uma predestinação ou um elo sempre presente, Prebisch voltou à terra natal, sem perder por isso seus outros vínculos e identidades.

Lembremos, em primeiro lugar, a fase argentina, momento decisivo para a evolução posterior. Depois de formar-se (1923) e ser nomeado professor de Economia Política da Universidade de Buenos Aires (1925-1948), entrou para o mundo conservador dos bancos e das finanças, culminando como primeiro diretor do influente Banco Central de seu país (1935-1943). É deste ponto de observação que acompanha o passar dos anos, num período que atinge um extra-

ordinário auge, até as vicissitudes da grande depressão, que, embora não tenham sido tão graves como em outros países da área, abalaram o edifício social e político e também a ideologia ortodoxa predominante no setor econômico.

Esses anos de prova foram, sem dúvida, o divisor de águas entre aqueles que continuaram apegados ao princípio de que a melhor política era não ter política e aguardar a mudança espontânea dos ventos, e os que chegaram à conclusão — pela pressão dos fatos e pela reflexão conseqüente — de que algo devia e podia ser feito para contrabalançar os efeitos de uma determinada política. Nas palavras do próprio Mestre, "na elaboração de idéias nestes tempos iniciais, a depressão mundial teve uma grande influência. Premido, então, pela necessidade de enfrentar as mais adversas repercussões daquele fenômeno, tive que ir deixando de lado as teorias neoclássicas das quais havia me nutrido na juventude universitária"¹.

A Argentina não parece ter estado entre as economias que se voltaram mais radicalmente para expedientes e objetivos heterodoxos — como ocorreu no Brasil e no Chile, por exemplo. Contudo, particularmente no plano bancário e financeiro, a política de Prebisch associou-se com os que procuraram reanimar o mercado interno para contrabalançar restrições da conjuntura externa². Fez parte, assim, daqueles que se costumou chamar de "keynesianos antes de Keynes". De fato, embora não conheçamos uma documentação satisfatória referente à influência de Keynes sobre ele, cabe pouca dúvida de que o grande economista inglês passou a ser uma das fontes de sua revisão heterodoxa, tanto que Prebisch foi um dos primeiros a escrever trabalhos a este respeito na América Latina³.

Seja como for, esta vertente parece secundária no corpo teórico que estava construindo no calor da análise e das políticas sobre a grande crise, tanto no Banco Central, como depois na atividade acadêmica e como consultor. Por este intermédio, foi abrindo caminho para sua fase latino-americana, na qual ingressou já com grande projeção, porque não se restringiu aos expedientes de reaquecimento a que nos referimos: continuou a questionar-se sobre os papéis respectivos que haviam desempenhado as profundas oscilações nas economias do centro e da periferia, sendo as primeiras os agentes

1 Raul Prebisch, *Capitalismo Periférico. Crisis y Transformación*. Fondo de Cultura Económica, México.

2 Carlos Díaz Alejandro, *Latin America in the 1930's*. Yale Economic Growth Center, 1983.

3 Raul Prebisch, *Introducción a Keynes*. Fondo de Cultura Económica, México e Buenos Aires, 1947.

dinâmicos, e as segundas suas vítimas por reflexo. E a partir daí foi, progressivamente, desentranhando os elementos históricos e estruturais que estabeleciam esta realidade e cuja raiz cardeal estava no que chamou de "esquema pretérito" de divisão internacional do trabalho, implantado pela *Pax Britannica* sob o manto protetor teórico e ideológico dos economistas clássicos, particularmente Ricardo.

Ao assumir o cargo de secretário executivo da CEPAL (1949-1963), pôde continuar a se dedicar plenamente ao prosseguimento desse exame, reunindo à sua volta um grupo de jovens economistas que apoiaram seu esforço e, mais tarde, ofereceram suas próprias contribuições à constituição do pensamento cepalino.

A investigação daquele molde histórico anteriormente identificado e de seus saldos negativos para a periferia — deterioração dos termos do intercâmbio, concentração dos frutos do progresso técnico nos centros, quadros variados de dependência para a periferia etc. —, hoje em dia tão patentes, conduziu de maneira lógica às postulações positivas de Prebisch. Estas se resumem na tese da industrialização abrangente — para além do enfoque puramente setorial —, concebida como um instrumento de diversificação estrutural, destinado a promover o incremento da produtividade do trabalho, a ampliação das oportunidades de emprego e o estabelecimento de novas modalidades de inserção internacional capazes de superar a mera especialização da exportação primária.

Não cabe, aqui, esmiuçar estes temas. Importa, sim, lembrar que tais análises encontraram ouvidos atentos em outras áreas da periferia, além de terem renovado profundamente o repertório ideológico tradicional sobre a morfologia da dependência. Não é de estranhar, assim, que por esse caminho se inaugurasse um terceiro ciclo do Mestre, que o situa na UNCTAD, que se tornou o porta-voz mais eloquente e escutado do Terceiro Mundo.

Não obstante, Prebisch nunca rompeu seus laços com a América Latina. Continuou ligado a ela através do ILPES, instrumento primordial no desenvolvimento das idéias e técnicas sobre planificação e na formação de pessoal qualificado para levá-las a cabo. E, já com 75 anos, se reintegra plenamente à sua casa-matriz

para empreender outra de suas obras, a *Revista de la CEPAL*, onde inicia uma ousada exploração intelectual: a de desentranhar a natureza daquilo que batizou de "capitalismo periférico".

Começou então, sem reservas, mas com a ponderação de sempre, a associar a análise econômica com as variáveis sociais e políticas, tendo como norte a comunhão dos objetivos materiais do desenvolvimento com os requisitos da equidade e da convivência democrática. Sua análise abrangente e aguda trouxe à baila questões centrais. E, se não poupou críticas à "sociedade privilegiada de consumo" e sua impotência para dar emprego socialmente benéfico ao excedente econômico — real ou potencial —, tampouco as economizou para censurar os desvios populistas, o engano e a ameaça da ilusão inflacionária ou o inchaço estéril do aparelho de Estado. Alguns objetaram contra o radicalismo de suas colocações sobre a utilização social do excedente; outros não aprovaram sua desconfiança com respeito à extensão desmedida da propriedade pública e a conseqüente abolição da propriedade privada. Se para uns Prebisch surgia como um revolucionário, para outros tinha a aparência de um reformista.

Na verdade, não era nem uma nem outra coisa, e poderia ser melhor classificado na categoria dos grandes reformadores, para quem a mudança vai de par com a continuidade, apresentando partes diferentes, que recebem ênfase em um ou outro termo. Sob este aspecto, não pode haver dúvida de que o Mestre via o presente como um tempo em que a ênfase devia recair sobre as mudanças.

Por fim, Prebisch encerrou a ampla órbita de seu périplo pela vida regressando, com suas idéias e inquietudes, ao país natal, onde colaborou generosa e aplicadamente com o empreendimento democrático do presidente Alfonsín.

Admirável e vitoriosa história. E se estamos convencidos, como assinalamos no começo, de que suas idéias permanecerão indispensáveis para a compreensão da história latino-americana deste século, tampouco nos resta dúvida de que aqueles que o conheceram não esquecerão sua grande qualidade humana.

Anibal Pinto é economista, ex-diretor da CEPAL, diretor da revista *Pensamento Iberoamericano*.

Novos Estudos CEBRAP, São Paulo
n.º 16, pp. 29-31, dez. 86
